

Georges Lapassade (1924-2008), nosso mestre, nosso amigo*

Alocução para a cerimônia de adeus, quarta-feira 6 de agosto de 2008,
em *Stains et Villetaneuse*.

Rennée Grandin, irmã de Georges Lapassade, ao organizar esta cerimônia de adeus, pediu-me que redigisse uma alocução. Ela me diz, ao telefone, que será tocada a Ave Maria de Gounot, que Georges, quando adolescente, tocava no harmônio de Arbus, bem como um canto bearnês. Por minha parte, teria pensado num tom de *rap*. Também tinha preparado um fragmento sinfônico de Hubert de Luze, seu amigo compositor, que escutamos juntos na sala Pleyel. Quando desse concerto da orquestra Padeloup, Georges tossia muito forte, limpava a garganta. Até mesmo escarrara sobre o carpete do camarote. Nesse dia de 2003 eu estava constrangido ao lado dele, pois a sala se virava ostensivamente para nós!

Georges chegou a me confidenciar, no intervalo, que preferia o *rap* à música sinfônica. Mas ele gostava também da música sarda ou napolitana, das músicas de transe, Tino Rossi, Charles Trenet.

O que posso dizer nesta alocução?

Georges me ensinou a improvisar. Seguindo-o, nunca escrevi minhas aulas ou conferências antes de pronunciá-las! E, hoje, devo redigir um texto que deverei ler!

Esta manhã, estimei em 800 o número de livros de sua biblioteca. Comparada à minha (12.000 volumes), e sobretudo às dimensões do escritor que ele foi, à sua carreira intelectual, é muito pouco!

Como explicar que ele tenha publicado 45 livros com uma biblioteca tão pequena? Eis a resposta que me ocorreu: Georges utilizava plenamente os serviços da universidade. Era um dos freqüentadores assíduos da biblioteca.

Quando estudante, morava num quarto no Boulevard Saint-Michel, número 22. E eu me recordo de seu estúdio da Ile Saint-Louis, onde ele viveu por muito tempo. Não havia lugar para estocar livros! Por outro lado, nesse endereço, ele tinha a seus pés todas as grandes bibliotecas. Só precisava descer quatro andares! Em Vincennes freqüentava a biblioteca, em Saint-Denis também. Quando se instalou na Rue de la Liberté, no final dos anos 1990, passava muito tempo na biblioteca para ler livros e revistas, e na CIO para ler os jornais. Maryle, a responsável pelo serviço, criou para ele um espaço, ao lado de “sua” árvore!

Georges Lapassade, nascido em 1924, viveu toda a vida como um estudante necessitado. Eu o conheci em Vincennes, antes da criação da *carte orange*, mendigando tíquetes de metrô. Foi um freqüentador assíduo do restaurante universitário, afirmando, com muita autoridade, que era o melhor restaurante de Paris!

Quando dos colóquios, ou de ocasiões maiores, recusava-se a ir ao restaurante. Muitos daqueles que lhe eram próximos lhe reprovavam jamais os convidar para ir ao restaurante. Em um dia de grande generosidade, veio a minha casa com três alhos-porós na mão, pedindo uma sopa ou uma galinha ensopada.

Em 37 anos de colaboração, aconteceu-me de ir uma vez com ele ao restaurante. Fomos ao Procope, o lugar onde Voltaire, Rousseau e Diderot se encontravam. Isso ocorreu em 2002, após uma defesa de tese sobre Michel Lobrot, por uma esposa de ministro. Ela ofereceu a refeição. Georges não se aborreceu com as ostras, ao contrário!

Nesse registro da economia, Reski contou-me que Georges comprava roupas a quilo no Emmaus, “uma grande marca”, dizia! Da última vez, conseguiu 5 quilos por um euro.

Essa predisposição a uma vida o mais simples possível lhe permitia encontrar os mais pobres, e viver com eles. Assim, sentia-se em casa com os jovens de subúrbio, com os desviantes da França e de Navarre, igualmente

com os do Magreb ou da América Latina. Quando de sua primeira hospitalização na clínica de Estrée, no mês de maio de 2008, foi tomado por um velho mendigo sem dinheiro, delirante (havia dito que fora convidado à convalescença pelo Rei do Marrocos). Precisei explicar à equipe de cuidados que ele era um grande professor, conhecido no mundo inteiro, e que estava totalmente lúcido, pois eu vira a carta-convite do gabinete do Rei!

Esse modo de vida na margem não foi bom para sua saúde!

Se pôde viajar por muito tempo e por inúmeros países, uma brusca ordem de parada ocorrerá no momento em que precisar entrar em diálise. A partir desse momento, ficou bem mais difícil organizar suas viagens. Apesar disso, ele se adapta muito bem ao novo ritmo de vida que lhe é imposto.

Também se adaptou à aposentadoria, momento difícil para os universitários. René Lourau e Gerard Althabe, seus amigos de Gelos, não sobreviveram. Os universitários sofrem ao perder, do dia para a noite, o poder de mandarins! Mas Georges precisou cerrar os dentes quando um colega particularmente desagradável lhe disse, no dia seguinte à aposentadoria, no momento em que ele tentava tomar a palavra numa assembléia docente:

- Senhor Lapassade, o senhor está aposentado! A partir de hoje, feche a boca!

É verdade que até esse dia ele a havia aberto bastante!

O decano Lapassade decide então não mais ir às reuniões oficiais, contentando-se com os corredores da universidade, onde mantém relações pessoais com todo mundo, inclusive Danielle Lemeunier em ciências da educação! Um grupo de docentes e de membros do pessoal administrativo luta para que possa conservar um cubículo sem janelas, que chamava de "mon bureau"! Georges participa então da vida da universidade ajudando estudantes em dificuldade a redigir seus trabalhos de mestrado ou suas teses!

Durante 16 anos, acolheu em casa estudantes pobres, a maioria estrangeiros sem visto. Procura se constituir como uma família. Trabalha sem descanso em prol da inserção desses estudantes, por sua afiliação universitária. E, paralelamente, continua a ensinar. De improviso, substitui colegas convidados a conferências no estrangeiro! Doze anos depois da aposentadoria, continuava a oferecer gratuitamente um seminário de *master*, a coordenar números de revistas, a escrever livros, não esquecendo jamais de associar os estudantes a tudo isso!

Desde 1971, quando eu estava no mestrado em Nanterre sob a orientação de Henri Lefebvre, vinculei-me a esse modo artesanal de trabalho. No dia de nosso encontro na casa de René Lourau, na rua Pascal, em Paris, Georges me encomenda dois capítulos para *L'analyseur et l'analyste*! Eu deveria entregá-los três dias depois! Georges já tinha dado tal golpe em René Lourau, quando este ficou em Arbus, no Natal de 1963, a caminho de Navarrenx, onde encontraria Henri Lefebvre, seu orientador de tese! Quando desse primeiro encontro, que durou 3 horas, escreveram juntos um artigo sobre dinâmica de grupo. Associar os jovens a suas produções é o método pedagógico de Georges. Ele trabalhava intelectualmente como o oleiro que associa os aprendizes a seu trabalho, ou melhor, como o cinzelador marroquino! Georges usa essa imagem em *L'intervention institutionnelle* (1979), para explicar seu trabalho.

Cursou a Escola normal de Pau e se tornou professor. Paralelamente, empreende estudos. Consegue ser liberado para estudar em Paris, de início passando no concurso para inspetor primário, assumindo a tarefa de animação da cidade universitária, depois obtendo um posto de pesquisador no CNRS...

A obra intelectual de Georges Lapassade começa em torno de 1947-1949. Tenho uma foto dele, aos 25 anos, caminhando pelo Boul'Mich, em Paris, que Pierrette Lombès, aqui presente, me emprestou! Na época, freqüenta o *quartier latin*. Aprende música. Toca vários instrumentos (piano,

vilão, acordeon). Frequenta as *caves* de Saint-Germain des Prés e o movimento existencialista. Encontra Merleau-Ponty, que lhe encomenda uma investigação sobre a juventude para *Les Temps Modernes*. Georges a faz, mas entregar o texto lhe parece muito difícil. Já muitas outras vezes destruíra seus escritos, como, por exemplo, uma *Antropologia de Kant* que lhe fora encomendada por Ferdinand Alquié, em Montpellier, onde ele tinha começado filosofia.

Pois, nessa época, Georges Lapassade vive dolorosamente sua homossexualidade. Teve relações difíceis com o pai.

A despeito do êxito na *agrégation* em filosofia, vive o desenraizamento: guarda um complexo de bearnês em Paris, experiência também vivida por Gerard Althabe, René Lourau e Pierre Bourdieu.

No fim dos anos 1940 encontra Jacques Lacan, a quem se liga. Lacan aceita escutá-lo e o aconselha a iniciar uma psicanálise para trabalhar a questão da identidade sexual, que tanto o faz sofrer, e por consequência, sua relação com a escrita. Daniel Lagache o faz encontrar Elsa Breuer, que fora analisada por Freud e fizera análise didática com Marie Bonaparte. Ela é idosa. Não somente conduz a primeira análise de Georges, mas vem em férias a Arbus e lhe propõe a venda de sua casa em títulos de renda vitalícia... Após alguns anos Georges volta a ver Lacan, que o aconselha então a refazer uma análise com Jean Laplanche. Esta análise termina em 1963. Assim, Georges trabalha no quadro da psicanálise durante 15 anos.

Georges me explicou, no final de junho, que aceitara pagar sua análise porque não podia viver sem ela. Necessitava dela. Por outro lado, instrumentos da modernidade, como o computador, por exemplo, que Patrice Ville queria que ele comprasse, no fim da vida lhe pareciam uma despesa inútil.

Durante esses anos de psicanálise, dedicou-se a escrever sua tese de doutorado, com a ajuda de Daniel Lagache.

Em 1958, já bem integrado aos movimentos de vanguarda (lê *Socialismo ou Barbárie* desde 1950), Georges se apaixona pelo movimento dos grupos. Inicia-se em Psicodrama (Moreno), dinâmica de grupos e pesquisa-ação (Lewin) e não-diretividade (Rogers). É, então, animador da cidade universitária de Antony.

Tentando compreender os conflitos das instâncias de gestão da cidade, descobre a importância do político.

O vivido dos grupos é sobredeterminado pelos pertencimentos políticos. Georges compreende que as estratégias de gestão que se confrontam na cidade vêm de decisões tomadas nos partidos ou grupos políticos (comunistas, trotskistas...). Pensa então na articulação entre grupo, organização e instituição. Inventa a análise institucional. Rapidamente percebe que Félix Guattari e Jean Oury colocam questões próximas, no campo da psiquiatria. Conhece Saint-Alban e o Dr. Tosquelles, La Borde em Courcheverny. Fará com que René Lourau visite esses lugares em 1964, inventando assim uma viagem de iniciação que ainda praticamos com nossos estudantes.

Ao longo dos anos 1960, Georges participa da invenção do movimento da pedagogia institucional, depois da autogestão pedagógica... Já contamos essas histórias em muitos livros... Isso se tornou um *ritornello*. Eu passo!

Toda essa atividade parisiense é acompanhada de uma nomeação como *maître de conférence* de sociologia em Túnis, em 1965. Georges defendera sua tese de estado em 1962, sobre *L'entrée dans la vie, un essai sur l'inachèvement de l'homme*. Publica *Grupos, organizações e instituições* em 1965.

Em Túnis, é acusado de desencadear uma greve no curso de Michel Foucault. É injusto, pois Georges entrara no anfiteatro de Foucault para propor que este o levasse de carro ao centro da cidade! Michel Foucault não fez nada para desmentir o boato. Georges deverá voltar à França! Jean Duvignaud o acolhe em Tours.

A partir de 1962, Georges animou sessões de formação no sindicato estudantil (UNEF). Forma os dirigentes em dinâmica de grupo. Desenvolve uma crítica virulenta à burocracia, que esclerosa as energias sociais. Sua teoria da análise institucional torna-se bem articulada a partir da leitura de diferentes trabalhos de Cornelius Castoriadis e, sobretudo, da *Crítica da razão dialética* de Jean-Paul Sartre. Temos a prova disso ao ler seu texto, pronunciado em Royaumont, em 1962, no quadro do colóquio *Psychosociologue dans la cité*, mais tarde publicado.

Georges passa o mês de maio de 1968 na Sorbonne. Nas memórias de Simone de Beauvoir, esta relata sua visita à ocupação da Alma Mater, sob o cajado de Georges... Um artigo de Lucette Colin, publicado este ano em um número especial de *L'Humanité* sobre maio de 68, mostra o papel de Georges nos acontecimentos. Ele se liga a Daniel Cohn-Bendit e seu irmão Gabriel. Eles tiveram a felicidade de se rever em Paris 8, em 1999. Georges vive intensamente esse momento de transe coletivo!

As ressonâncias de maio de 1968 fizeram de Georges Lapassade um dos animadores da contracultura. Ele atravessa o festival de Avignon, em julho de 1968. Acusam-no de sabotá-lo! Vive muitos meses com o Living Theatre. Já está iniciado ao *happening*...

Em 1970, descobre o Brasil. Tem a oportunidade de estudar a macumba, que o apaixona. Sua estada em Túnis lhe permitira interessar-se pelos fenômenos de transe... Este objeto se tornará um dos eixos fortes da pesquisa de Georges, assim que descobrir os Gnaouas de Essaouira. E mais, ele faz uma conferência sobre as instituições diante de 500 pessoas. O Brasil da ditadura não gosta disso, e o reconduz ao avião.

Em 1968 publicara um livro, *Procès de l'université*, que retoma algumas análises no espírito do tempo. Devido a um mal-entendido sobre o sentido da obra, convidam-no a Montreal para reorganizar a universidade de Quebec. Após 6 meses de trabalho ininterrupto, o Parlamento de Quebec suspende sua missão. Mais uma vez, Georges Lapassade toma o avião para Paris...

Cada aventura é ocasião para a escrita de um livro. Em 1971, edita 6 livros! É então traduzido em alemão, espanhol, italiano, português, grego. Suas *Clés pour la sociologie*, escritas com René Lourau, são um grande sucesso. Naquele ano, como me confirmou hoje Daniel Lindenberg (que assistiu ao acontecimento), ele se apresenta em Vincennes diante de uma assembléia geral de estudantes, que o elegem professor da universidade! Desde a Idade Média, raras foram as situações em que os estudantes puderam recrutar seus professores.

A partir desse momento, G. Lapassade se incorporará a essa universidade. De início trabalha no departamento de Ciências Políticas. Michel Debeauvais o faz vir para Ciências da Educação em 1972. Os efetivos deste departamento passam de 200 para 2000 estudantes entre 1971 e 1973. Recrutam-se docentes. Em julho de 1973, G. Lapassade faz entrar o “bando de Lourau”, que se formara em Nanterre a partir de 1966, sob a orientação de Henri Lefebvre. Trata-se de um grupo de uma dezena de institucionalistas! À época, o departamento de Ciências da Educação de Paris 8 é autogerido por um coletivo docente que se reúne todas as segundas-feiras, na sala 210. Georges desenvolve uma prática de autogestão pedagógica que reativará regularmente, primeiro em 1986-87, depois em 2002-2003, última grande experiência pedagógica da qual participa, como aposentado, ao lado de Ronald Arendt, um universitário brasileiro do Rio de Janeiro em pós-doutorado em Paris 8, Patrice Ville, Roger Tebib e eu.

Desde a entrada em Vincennes, a vida de Georges organizou-se em torno de sua pesquisa, que se desdobra em várias direções. Embora tenha inventado, a partir de 1964, uma teoria da intervenção (a socionálise), orienta o desenvolvimento da análise institucional na direção da análise interna. A palavra de ordem é então: “Façamos a análise de nossas próprias instituições!” Esta era a orientação de Georges dentro da AI, mas, paralelamente, ele se implica em múltiplos movimentos: o ocitanismo, até a morte de Serge Mallet em 1973; a FHAR (Frente Homossexual de Ação

Revolucionária); o movimento do potencial humano, em 1974. É também a época em que se apaixona pela pesquisa intercultural franco-alemã.

Em 1976, ele se mete no Direito para criar o Instituto de Administração Econômica e Social de Paris 8, na perspectiva de profissionalizar os estudantes. A reforma é proposta por Alice Saunier-Seité, uma ministra de direita. A universidade de Paris 8 luta contra! G. Lapassade, a favor! O presidente Frioux lhe concede, como única acomodação, um armário de vassouras: ali ele instala um letreiro, "*bureau* do decano"! Pois fora eleito decano da faculdade de Direito! Depois de dois anos de luta, 1000 estudantes seguem esses ensinamentos, a princípio ministrados por professores substitutos. G. Lapassade procura docentes titulares para apoiá-lo. Encontra os Demichel, que faz vir de Lyon.

Por ocasião de cada novo engajamento, Georges publica uma teoria de sua pesquisa. Forma em torno de si um grupo de docentes ou de estudantes, mas a composição desse grupo muda em função de cada novo objeto de investigação.

A década de 1980 começa pela mudança da universidade de Vincennes para Saint-Denis. Nessa época, Lucette Colin e eu passamos o verão com Georges à procura de uma casa em Saint-Denis, que pudéssemos comprar juntos para que cada um tivesse seu espaço, mas onde também houvesse lugar para desenvolver atividades culturais estudantis...Ele sonha com uma vida em comunidade! Achamos 400 m² em Saint-Denis, mas a presença de alguns velhos locatários difíceis nos fez desistir do projeto. Sob a injunção de Georges, Lucette e eu nos mudamos para o 18^o, "para estarmos próximos de Paris 8"! Georges, por seu lado, renunciando a fazer a viagem desde Ile de la Cité, pernoitava com muita freqüência na faculdade!

Esses anos 1980 correspondem à descoberta da etnometodologia, da etnografia da escola e do interacionismo simbólico, o que implica o aprendizado do inglês. Benyounès Bellaghech acaba de publicar o diário de Georges dessa época, acerca da reforma dos DEUG de 1984. O livro tem por

título *De Vicennes à Saint-Denis*. Em 1985, ele participa do nº 9 de *Pratiques de Formation*, dirigido por René Barbier, que é um dissimulado manifesto de uma prática pedagógica muito respaldada em nosso departamento: a escrita do diário. Georges utiliza o diário como modo de intervenção. Em 1987, publica *L'Université en transe*, juntamente com P. Boumard e eu. O livro marca bem essas mudanças de perspectiva, em que a análise institucional se concentra sobre o local e o aborda sob o ângulo etnográfico. É a época em que Georges lança a pesquisa de Alain Coulon, seu antigo aluno de Tours, sobre a afiliação universitária.

Desde meados dos anos 1970, Georges trabalha no Marrocos. Faz de Essaouira uma cidade de festival intercultural. Com efeito, nessa cidade, os marroquinos, árabes ou berberes coabitam com uma tribo vinda da África, os Gnaouas, que têm práticas de transe. São pessoas mal vistas em seus países. Georges trabalha pela reconciliação. O empreendimento chega a termo em 2000, com a publicação do livro *D'un marabout l'autre*. O rei do Marrocos aproveita a ocasião para escrever a Georges Lapassade: "Vossa presença no campo e, sem dúvida, a amizade que vos anima quanto ao Marrocos e a Essaouira em particular são, com justa razão, elementos que deram a vosso trabalho toda a sua força e quintessência". Georges se orgulha muito dessa carta!

Nos anos 1990, Georges Lapassade se deu uma prioridade: a cultura dos jovens de subúrbio. Desde 1980 se interessa pelo tema. Incentiva os estudantes a fazerem pesquisas nos liceus profissionais, nos bairros. Com *L'ethnosociologie* (1991), essa pesquisa ganha uma nova dimensão. Ele publica *Guerre et paix dans la classe* (1993), *Microsociologies* (1996), *Microsociologie de la vie scolaire* (1998).

Nova reorientação de pesquisa se opera por volta de 1996. René Lourau trabalha a transdução, Georges a dissociação. Publica *La découverte de la dissociation* (1998), *Regards sur la dissociation adolescente* (1999) e,

depois, *Le mythe de l'identité, éloge de la dissociation*, com P. Boumard e M. Lobrot (2006)...

A morte de René Lourau, em janeiro de 2000, o abala. Vê os discípulos de R. Lourau em discórdia. Sente-se, então, angustiado com a questão da morte, que o assedia desde seus quarenta anos. Questiona-se acerca da transmissão. Escreve um diário em 2000, outro em 2001, e uma série de testamentos em que procura uma solução para que tudo não desmorone no dia de sua morte.

No campo da análise institucional, obriga Patrice Ville a defender a tese de Estado, para que possa orientar teses (2001)...e consegue, em 2002, com Patrice Ville e eu, criar uma revista, e sobretudo um grupo importante de estudantes que se afirma como uma nova geração da análise institucional. A revista *Les IrrAductibles* publicou 14 números. Georges esteve presente a cada semana no comitê de redação, entre maio de 2002 e fevereiro de 2008, momento em que seu estado de saúde se deteriora: ele pára de comer. No comitê de redação, propõe temas de números, ajuda jovens autores a corrigir textos. Lê tudo que chega à revista. Durante a vida de Georges, *Les IrrAductibles* publicou 6000 páginas de 350 autores oriundos de 50 países.

Se tentarmos compreender a originalidade de Georges Lapassade em relação aos psicossociólogos ou sociólogos de sua geração, que freqüentemente procuraram fixar um modelo de intervenção (penso em Anne Ancelin-Schutzenberger com o psicodrama, Serge Moscovici com a psicologia social, Lobrot com a não-diretividade, Gerard Mendel com a sócio-psicanálise ou Alain Touraine com a intervenção sociológica), veremos que ele pensou formas de trabalho distintas (os dispositivos) em função dos campos com que se defrontou. Oscilou constantemente entre a pesquisa-ação, a intervenção e a observação participante.

Sua obra é multiforme, como sua pessoa. Georges Lapassade foi simultaneamente fenomenólogo, hermeneuta, dialético. Sua obra é aberta, um apelo ao prolongamento!

Para ele, o campo foi sempre o ponto de partida da teoria. Associou à sua pesquisa muitos professores, muitos colegas, em diferentes momentos da vida. Assim, em pedagogia institucional, trabalhou com R. Fonvieille, M. Lobrot, R. Lourau. Em dinâmica de grupo, com Jeanne Favez-Boutonnier, a ANDSHA de Ardonio, a ARIP de Max Pagès, e depois outros, o departamento de Psicologia Clínica de Paris 7. Com Robert Jaulin e Pascal Dibie, partilhou um engajamento em favor de uma outra etnologia. Com René Barbier, tinha a afinidade da pesquisa-ação; com P. Boumard, a análise interna e a dissociação; com Alain Coulon, a psicoterapia institucional, a etnometodologia e o interacionismo; com René Schérer, o corpo interdito; com Jean-Marie Brohm, a antropologia dos corpos; com Lucette Colin, a psicanálise e o potencial humano; com Phillipe Rousselot, o *rap*; a música com Salvatore Panu. Com J. Ardoino, deu vida à revista *Pratiques de Formation* entre 1980 e 2003; com Christine Delory-Mombeger, se deixou questionar pela história da vida.

Seu excelente conhecimento da universidade e da vida estudantil fez dele um conselheiro pessoal insubstituível para quatro presidentes da universidade: Claude Frioux, Pierre Merlin, Francine Demichel e Irene Sokologovski. Por outro lado, uma distância se estabeleceu com Pierre Lunel. Acredito que este presidente ficou muito espantado, em 10 de maio de 2004, dia do 80º aniversário de Georges, quando chegou à sala para pronunciar a alocução que me pedira para redigir e não tivera tempo de ler. Um professor de 80 anos! Ele imaginava, talvez, 15 velhos presentes. Ora, éramos 300, com jovens, orquestra, dançarinos, a querer festejar Georges!

Georges Lapassade encorajou a fundação do laboratório Experice, que retomava seu paradigma de educação ao longo da vida inteira.

Enfim, quanto à análise institucional, apoiou-se em René Lourau, Antoine Savoye, Laurence Gavarini, Patrice Ville, Gabriele Weigand, Gerard Althabe, Dominique Hocquard, Augustin Mutuale, Benyounès Bellaghech, Kareen Illiade, Salvatore Painu e em mim... Menciono aqui as pessoas que trabalharam em Paris.

Porque seria preciso dar a volta ao mundo e citar os países onde ele construiu coletivos. Deixou marcas em muitos dos países pelos quais passou. Assim, tomemos o exemplo da Itália. Foi em Lecce, em 2007, que Georges fez sua última grande viagem, seu último grande colóquio. Ficou um mês em Lecce, na casa do amigo Piero Fumarola, em dezembro de 2006 e janeiro de 2007. Organizou um grande colóquio, ao qual convidou Renato Curcio. Houve o reencontro com Vito d'Armento, Piero Fumarola, Nicola Valentino e muitos antigos brigadistas... Durante três dias, a imprensa local e nacional consagrou, a cada dia, uma página a esse colóquio. Uma página inteira foi dedicada à obra de Georges. Fiz um relato do colóquio em meu livro *Cara Italia*.

Mais recentemente, em junho de 2008, Georges foi convidado a Roma, mas teve de recusar. P. Boumard, Kareen Illiade, Salvatore Panu e eu estivemos lá. Renato Curcio lançou o livro *Corso di Analisi Istituzionale* (de minha autoria, com G. Weigand), inaugurando uma nova coleção "Análise Institucional" na editora *Sensibli de foglie*, que já publicou 6 ou 7 livros de Georges, em diferentes coleções. Encontramos 70 discípulos italianos de G. Lapassade, dentre os quais seu amigo Montecchi, de Rimini. Na Itália, praticamente todos os livros de Georges estão traduzidos. Ele chegou inclusive a editar, em italiano, livros que não existem em francês! Georges falava um italiano muito rico, com um sotaque bearnês que levava ao sorriso, ou mesmo ao riso entusiasta de seus auditórios!

Eis aí uma vida inacabada...e no entanto plena!

Georges me confiou a gestão de seu patrimônio intelectual. Estou seguro de que vocês me ajudarão a levar adiante seus temas de pesquisa e,

particularmente, esse paradigma de uma análise institucional aberta e intercultural, à qual ele consagrou a vida. Conforme seu desejo, o fundo Lapassade será instalado nas próximas semanas em Saint Gemme, numa fazenda de Champagne, reformada por Lucette Colin e eu, onde, como Georges em Saint-Denis, acolheremos estudantes ou docentes estrangeiros em residência, e na qual serão depositados os arquivos da análise institucional.

Desde 2000, sob a supervisão de Georges, formamos um coletivo que datilografou muitos de seus manuscritos. Devo aqui render homenagem ao trabalho de Danielle Lameunier, Véronique Dupont, Bernadette Bellaghech e Kareen Illiade, que se dedicaram bastante, em diferentes momentos, a tal empreendimento. Entre 2000 e 2008, nossa perspectiva foi a publicação. A partir de 2008, por iniciativa de Jean Louis Le Grand, nosso diretor de UFR, o *site* da UFR acolhe os inéditos ou os livros esgotados dos institucionalistas. Disponibilizamos, por exemplo, *Itinéraire* - um livro concebido com Georges em 2000, que reapresenta seus grandes artigos -, *De Vicennes à Saint-Denis*, *Les Clés pour la sociologie* etc. O *site* conta atualmente com 20 títulos. Terá uma centena em outubro ou novembro. Nós o idealizamos em função da demanda de estudantes que, conectados à rede mas sem dinheiro, não têm recursos para constituir uma biblioteca própria. Um dia, graças à ajuda de muitos de vocês, a obra de Georges será principalmente digital.

Para concluir, gostaria de, com vocês, abrir *L'autobiographe*, livro de 1980. Georges o começa com a frase seguinte: "Minha vida é uma aprendizagem contínua"

Para nós, ele permanecerá como o pedagogo fundador de uma educação ao longo da vida inteira. Acerca desse tema concedeu sua última entrevista, publicada no livro de Lucette Colin e Jean-Louis Le Grand, *L'éducation tout au long de la vie*.

Georges era uma pessoa dissociada que procurava sua identidade. Quatro dias antes de morrer, decide de voltar à terra natal;

“Imediatamente!”, gritou com Lucette, Martine e eu. Romain é testemunha. “Eu quero que você me ponham dentro do carro e me levem para Arbus!” “IMEDIATAMENTE!” Neste dia, a temperatura era de 30º. Como imaginar fazer seu corpo emagrecido percorrer 800 Km, partindo às 19h no meio dos engarrafamentos de começo de férias?

Ainda em *L'autobiographe*, Georges escreveu: “Quanto a mim, posso morrer não importa onde, sem amarras. Mas não sei como contar por que parti de Arbus sem esperança de retorno, por que percorri o mundo desde 20 anos, à procura de minha cidade”. Ao contrário de outros, Georges nunca perdeu o sotaque bearnês. Sua voz forte ainda ressoa em nós!

Leio, ainda em *L'autobiographe*:

“ – E se você morresse agora, disse Mourad. Se tivesse de dizer o que lamenta não ter feito na vida, o que responderia?

Respondi que não tinha resposta. No mesmo instante, contudo, eu tinha uma: creio que meu único arrependimento seria ter deixado escapar minha vida por pensar na morte, não ter vivido cada instante de minha vida como um possível momento de felicidade.”

Foi para captar os últimos instantes de felicidade de Georges que mantive meu diário a seu lado, e que convidei seus amigos a escreverem suas impressões quando das numerosas visitas a nosso mestre. Georges estava feliz com a participação dessa comunidade, dessa família que seguia seus últimos instantes... Ele nos exortava a escrever.

Se alguns dos presentes ou ausentes sentem o desejo de escrever, publicaremos seus textos no número especial dos *irralductibles* que será lançado em setembro de 2008. Lembro que uma cerimônia acontecerá em Arbus em 29 de agosto, e que a Universidade de Paris 8 renderá homenagem a Georges no início de novembro.

Digamos que a maior preocupação de Georges, nos últimos dias, era seu cachorro: temos uma pista para acolher Zayan Lapassade em uma fazenda da Champagne, a um quilômetro de seus papéis... Os amigos que virão ler

Georges poderão também fazer uma visita a seu cão! Ele está muito triste, hoje.

Remi Hess
Universidade de Paris VIII
remihesss@noos.fr

Bibliografia de Georges Lapassade

Principais obras

- 1963, *L'entrée dans la vie. Essai sur l'inachèvement de l'homme*, Paris, Minuit, nouvelle édition, Paris Anthropos, 1997.
- 1969, *Procès de l'université*, Paris, Belfond.
- 1967, *Groupes, organisations et institutions*, Paris, Gauthier-Villars (réédité en 1970 sous le titre *Recherches institutionnelles 1*), 5^e édition, Anthropos, 2006.
- 1971, *Le livre fou*, Paris, Épi.
- 1971, *L'arpenteur*, Paris, Épi,
- 1971, *Le bordel andalou*, Paris, L'Herne,
- 1971, *L'autogestion pédagogique*, Paris, Gauthier-Villars (avec les contributions de J. Guigou, M. Giraud et R. Lourau).
- 1971, *L'analyseur et l'analyste*, Paris, Gauthier-Villars (avec la contribution de R. Hess). Traduction espagnole, Buenos Aires.
- 1974, *La bioénergie*, Paris, éd. universitaires. Traduction espagnole, Buenos Aires.
- 1974, *Les chevaux du diable. Une dérive transversaliste*, Paris, éd. universitaires.
- 1975, *Socianalyse et potentiel humain*, Paris, Gauthier-Villars. Traduction espagnole, Buenos Aires.
- 1976, *Essai sur la transe*, Paris, éditions universitaires.
- 1978, *Joyeux tropiques*, Paris, Stock.
- 1980, *L'autobiographie*, Bruxelles, Duculot, nouvelle édition abrégée: Vauchrétien, Ivan Davy, 1997.
- 1982, *Gens de l'ombre*, Paris, Anthropos.
- 1987, *Les états modifiés de conscience*, Paris, PUF.
- 1989, *La transe*, Paris, PUF.

- 1991, *L'ethnosociologie, les sources anglo-saxonnes*, Paris, Méridiens Klincksieck.
- 1993, *Guerre et paix dans la classe, la déviance scolaire*, Paris, Armand Colin, 64 p.
- 1996, *Microsociologies*, Paris, Anthropos.
- 1997, *Les rites de possession*, Paris, Anthropos.
- 1998, *Microsociologie de la vie scolaire*, Paris, Anthropos.
- 1998, *La découverte de la dissociation*, Paris, Loris Talmart.
- 1998, *Derdeba, La nuit des Gnaouas*, Signes du présent.
- 2000, *Regards sur la dissociation adolescente*, Paris, Anthropos.
- 2000, *D'un Marabout l'autre*, Biarritz, Atlantica.
- 2000, *Précis de l'inachèvement*, Paris, Séguier.
- 2008, *Itinéraire*, site internet de l'UFR 8, Paris 8.
- 2008, *De Vincennes à Saint-Denis. Essais d'analyse interne*, Saint-Denis, AISF, 2008, 321 p.

En co-autoria:

- 1976, *Le corps interdit: essai sur l'éducation négative* avec R. Schérer, Paris, ESF.
- 1971, *Clefs pour la sociologie* avec René Lourau, Paris, Seghers; traduction portugaise: *Para um conhecimento da sociologia*, Lisboa, Assirio e Alvin, 1973.
- 1980, *L'intervention institutionnelle* avec R. Lourau et al., Paris, Payot.
- 1987, *L'université en transe* avec P. Boumard et R. Hess, Paris, Syros.
- 1990, *Le rap ou la fureur de dire* avec Philippe Rousselot, Loris Talmart, 5^e édition augmentée, 1996.
- 2006, *Le mythe de l'identité*, avec P. Boumard et M. Lobrot, Paris, Anthropos.
- 2006, *Analyse institutionnelle et socianalyse*, in HESS Remi, LAPASSADE Georges, LOURAU René, VILLE Patrice, WEIGAND Gabriele, *Analyse institutionnelle et socianalyse*, Saint-Denis, AISF, 2006, pp 41-75.
- 2008, *Introduction à la psychosociologie*, cours en ligne, licence de sciences de l'éducation, Paris 8, en coll. avec L. Colin, R. Hess et G. Weigand.

Contribuição a obras coletivas

1967, Les stages de formation psychosociologique – Les séminaires de formation (en collaboration avec Alexandre Lhotellier et Bernard This), in *Le psychosociologue dans la cité*, Paris, Épi, p. 189 à 258.

1967, Psychosociologie et politique in *Le psychosociologue dans la cité*, Paris, Épi, p. 285 à 320.

1980, L'intervention dans les institutions d'éducation et de formation in *L'intervention institutionnelle*, sous la direction de Gérard Mendel, Paris, Payot, p. 145 à 198.

1988, Institutionelle Analyse und Ethnomethodologie in *Institutionelle Analyse*, sous la direction de Weigand G., Hess R., Prein G., Frankfurt, Athenaum, p. 55 à 60.

Artigos

1956, L'œuvre de J.-J. Rousseau, Structure et unité, *Revue de métaphysique et de morale* (juin-décembre).

1959, Fonction pédagogique du T. Group, *Bulletin de psychologie* n°158-161, 6-9/XII, p. 429 à 436.

1959, Psychothérapie et technique de groupe, *Bulletin de psychologie* n°158-161, 6-9/XII, p. 487 à 492.

1959, Un problème darwinien: l'évolution par néoténie, *Age nouveau* n°106.

1960, Présentation de Louis Bolk, *Arguments* n°18.

1961, La dialectique des groupes dans la critique de la raison dialectique, publication annexe du *Bulletin de psychologie*.

1962, La question microsociale (en collaboration avec E. Morin), *Arguments*, 6^e année, n°25-26, p. 2 à 4.

1962, Sartre et Rousseau, *Les études philosophiques* n°4.

1962, Actualité de l'Émile, *L'éducation nationale* n°17, p. 5 à 8.

1962, Jean-Jacques Rousseau et l'homme moderne, *L'éducation nationale* n°25, p. 11 à 12.

1963, Psychologie et politique, *Recherches universitaires* n°4-5, p. 75 à 83.

1963, L'obstacle institutionnel, *Recherches universitaires* n°5-6, p. 81 à 83.

- 1963, Un problème de pédagogie institutionnelle, *Recherches universitaires* n°5-6, p. 80 à 86.
- 1964, L'école vers l'autogestion, *Éducation et techniques* n°16, p. 31 à 37.
- 1965, Bureaucratie dominante et esclavage politique, *Socialisme ou barbarie* n°17, p. 27 à 36.
- 1968, Un meeting interdit: autogestion ou cogestion ?, *Autogestion* n°7 (décembre), p. 7 à 26.
- 1968, Marxisme ou socianalyse, *L'homme et la société* n°10 (octobre-décembre), p. 191 à 194.
- 1969, La danse de possession, *Lamalif* n°34.
- 1970, Québec: analyse d'un journal contestataire, *L'homme et la société* n°16 (avril-juin), p. 71 à 94.
- 1970, Une session au Québec, *Autogestion* n°13-14 (septembre-décembre), p. 13 à 44.
- 1970, Von der Gruppendynamik zur institutionellen Analyse, *Gruppendynamik* n°1, p. 111 à 133.
- 1971, Un analyseur historique, *Autogestion* n°15 (mars), p. 27 à 30.
- 1971, L'analyse institutionnelle, *L'homme et la société* n°19, p. 185 à 192.
- 1971, La macumba. Une contre-culture en noir et rouge, *L'homme et la société* n°22 (octobre-décembre), p. 147 à 170.
- 1972, Les analyseurs arrivent, «Spécificité et limites de l'AI», *Les temps modernes* n°317.
- 1972, L'écriture, le masque, la transe dans *L'homme et la société* n°26 (octobre-décembre), p. 111 à 118.
- 1972, La possession (Colloque de Tours sur la possession, janvier 1972) dans *L'homme et la société* n°26 (octobre-décembre), p. 237 à 240.
- 1972, L'analyse institutionnelle et socianalyse, *Connexions* n°4, p. 35 à 57.
- 1973, Grande encyclopédie des homosexualités, *Recherches* (mars).
- 1973, La rencontre institutionnelle dans *L'homme et la société* n°29-30 (juillet-décembre), p. 269 à 306.
- 1973, Le mouvement du potentiel humain, *L'homme et la société* n°29-30 (juillet-décembre), p. 115 à 152.

- 1973, L'analyse institutionnelle et la formation permanente, Le mouvement institutionnaliste (en collaboration), *Pour* n°32, 112p.
- 1973, L'apprentissage de l'analyse, *Pour* n°33.
- 1973, Institutionsanalyse und Socio-Analyse, Das Problem der Intervention, *Gruppendynamik* n°4, p. 377 à 387.
- 1973, Vincennes: autogestion ou cogestion (avec M. Debeauvais), *Connexions* n°5.
- 1973, AI et socianalyse, *Connexions* n°6.
- 1973, Réflexions à propos de la note de Jean Dubost sur les mouvements institutionnels, *Connexions* n°8, p. 153 à 158.
- 1973-74, Les groupes de rencontre: bibliographie, *Bulletin de psychologie* n°311.
- 1974, Les analyseurs de Vincennes, mise en place de la formation permanente à l'université de Vincennes, *Orientations* n°50, p. 227 à 240.
- 1976, Les Gnaoua d'Essaouira. Les rites de possession des anciens esclaves noirs au Maghreb hier et aujourd'hui dans *L'homme et la société* n°39-40 (janvier-juin), p. 191 à 216.
- 1977, El aprendizaje del analisis dans *El analisis institucional* n°1, p. 65 à 81.
- 1977, Historia del movimiento institucionalista dans *El analisis institucional* n°1, p. 5 à 22.
- 1977, La pedagogia institucional dans *El analisis institucional* n°1, p. 162 à 167.
- 1977, Relaciones del analisis institucional con el psicoanalisis, la psicologia social y la sociologia de las organizaciones dans *El analisis institucional* n°1, p. 57 à 64.
- 1978, Élection: piège ou médiation ? Dialogues avec J. Julliard et F. Guattari dans *Autogestion* n°40 (mars), p. 7 à 25.
- 1978, Bref historique de l'analyse institutionnelle dans *Pour* n°62-63 (novembre-décembre), p. 13 à 17.
- 1978, L'apprentissage de l'analyse dans *Pour* n°62-63 (novembre-décembre), p. 92 à 98.
- 1978, La dérive de l'analyse institutionnelle dans *Pour* n°62-63 (novembre-décembre), p. 124 à 128.
- 1978, Une AI du numéro sur l'AI dans *Pour* n°62-63 (novembre-décembre), p. 129.
- 1980, Autogestion, socianalyse et formation, *Pour* n°71, p. 38 à 40.
- 1980, Psychosociologue à plein temps, 1959-1979, *Connexions* n°29, p. 95 à 125.

1981, Où l'on voit qu'il subsiste quelques obstacles sur les chemins de l'innovation universitaire. Filières nouvelles et réflexes anciens dans *Pratiques de formation-analyses* n°1 (mai).

1982, Bataille pour une radio libre dans *L'homme et la société* n°63-64 (janvier-juin), p. 183 à 202.

1983, Implication culturelle et intervention dans *Pour* n°88, p. 66 à 68 (mars-avril).

1983, Dérive chez les Beur dans *Pratiques de formation-analyses* n°5 (mai).

1985, Chronique d'un journal dans *Pratiques de formation-analyses* n°9 (avril).

1985, De Vincennes à Saint-Denis : les sciences de l'éducation et la pratique enseignante dans *Pratiques de formation-analyses* n°10 (décembre).

1986, Présentation du thème. "États de conscience" avec Patrick Boumard dans *Pratiques de formation-analyses* n°11 (octobre).

1986, Compétence impliquée et science spécifique d'un état de conscience dans *Pratiques de formation-analyses* n°11 (octobre).

1989, Recherche-action externe et recherche-action interne dans *Pratiques de formation-analyses* n°18 (décembre).

1990, Culture des maîtres et culture des élèves dans *Pratiques de formation-analyses* n°20 (décembre).

1990, De l'ethnographie de l'école à celle du hip hop dans *Pratiques de formation-analyses* n°20 (décembre).

1990, La méthode ethnographique dans *Pratiques de formation-analyses* n°20 (décembre).

1994, D'un « micro », l'autre (itinéraire) dans *Pratiques de formation-analyses* n°28 (octobre).

1995, Témoignage dans *Pratiques de formation-analyses* n°29-30 (mai), p.126 à 134.

1996, L'institution de la possession dans *Pratiques de formation-analyses* n°32 (octobre), p. 161 à 170.

1997, Analyse institutionnelle et psychosociologie, dans *Pratiques de formation-analyses* n°33 (septembre).

1998, L'obstacle éthique en ethnographie dans *Les dossiers pédagogiques* n°1 (janvier-mars), p. 15 à 17.

1998, Entretien avec Ahmed Lamihi dans *Les dossiers pédagogiques* n°3-4 (octobre), p. 21 à 23.

1998, L'ethnographie de l'école dans *Les dossiers pédagogiques* n°3-4 (octobre), p. 3 à 6.

1998-99, Comment j'ai écrit quelques-uns de mes textes dans *Les cahiers de l'implication* n°2, p.41 à 50.

1999-2000, Du dispositif socianalytique de formation au dispositif socianalytique d'intervention dans *Les cahiers de l'implication* n°3, p. 71 à 80.

2000, René Lourau, pédagogue dans *Pratiques de formation-analyses* n°40 (novembre), p. 37 à 42.

2002, décembre, Georges Lapassade, *L'institutionnalisation universitaire de l'Analyse institutionnelle. Fragments* in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Analyse institutionnelle : L'institutionnalisation et ses résidus*, n°2.

2002, décembre, Georges Lapassade et Remi Hess, *Les propos du diable*, in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Analyse institutionnelle : L'institutionnalisation et ses résidus*, n°2.

2004, avril-mai, Georges Lapassade, *A propos du bricolage méthodique* in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *L'école et l'université en question*, n°5, pp. 209-214.

2004, avril-mai, Georges Lapassade, Patrice Ville, Remi Hess, *Court traité d'AI* in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *L'école et l'université en question*, n°5, pp. 293-310.

2004, avril-mai, Georges Lapassade, *Forum réel et forum virtuel* in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *L'école et l'université en question*, n°5.

2004, avril-mai, Georges Lapassade, Groupe de libre institution du mercredi. Séminaire de l'analyse institutionnelle du 4 novembre 2003 de Remi Hess et Patrice Ville in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *L'école et l'université en question*, n°5.

2004, octobre, Georges Lapassade, *Présentation d'«Analyse interne à Vincennes»* in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Des dispositifs I*, n°6.

2004, octobre, Georges Lapassade : *Atelier: L'analyse institutionnelle en tant qu'«analyse interne»* in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Des dispositifs I*, n°6.

2004, octobre, Cristian Varela, Un problème de dispositif à l'origine de l'AI. Entretiens avec Georges Lapassade : "El dispositivo en el origen del AI", traduit par Alfredo Berbegal, in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Des dispositifs I*, n°6.

2005, février-mars, Georges Lapassade, Approche anthropologique de la dissociation et de ses dispositifs inducteurs, in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Des dispositifs II*, n°7.

2006, février-mars, Georges Lapassade, *Essai inachevé sur l'analyse interne. L'Analyse institutionnelle interne vingt ans après ...(1980-2005)* in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Colloque international d'analyse institutionnelle : Groupes, Organisations, institutions*, n°9.

2006, février-mars, Georges Lapassade, *Terrain vague* in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Colloque international d'analyse institutionnelle : Groupes, Organisations, institutions*, n°9.

2006, février-mars, Georges Lapassade, Lettre, in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Colloque international d'analyse institutionnelle : Groupes, Organisations, institutions*, n°9.

2007, avril, Entretien avec Georges Lapassade par Augustin Mutuale, Benyounès Bellaghech, Amélie Grysole, Laurent Kallyt, Alain, Aziz Kharouny in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Etudes africaines*, n°11.

2007, juin, Georges Lapassade, *Communication de Georges Lapassade au laboratoire de changement social de Paris 7* in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *L'analyse institutionnelle , le quotidien, le mondial*, n°12.

Textos diversos

1973, La mise en place de la formation permanente à Vincennes (juillet).

1974, Projet pour le colloque franco-allemand du printemps 1975, (décembre).

Resenhas de leitura

1970, Violence and disruption on the U.S. campus, 1968-1969, Fall (Educational record, 1969) dans *L'homme et la société* n°16 (avril-juin), p. 365.

1972, Connexion n°1-2, «Du groupe de diagnostic au groupe de rencontre» Dynamique des groupes, les groupes d'évolution (ed. de l'Epi, 1972) dans *L'homme et la société* n°24-25 (avril-septembre), p. 287 à 290.

1998, Freinet et l'école moderne sous la direction de Ahmed Lamihi dans *Les dossiers pédagogiques* n°1 (janvier-mars), p. 25.

1998, L'ethnographie de l'école, éloge critique, Patrick Berthier dans *Les dossiers pédagogiques* n°3-4 (octobre), p. 3 à 6.

1999, *Comment aimer un enfant*, de Janusz Korczak dans *Les dossiers pédagogiques* n°6 (octobre-décembre), p. 39.

2003, juin-juillet, Georges Lapassade, *Figures politiques de l'identité juive à Sarcelles*, d'Annie Benveniste, Note de lecture, in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Ecritures diaristiques, Recherche, formation et pédagogie du journal*, n°3, pp. 395-396.

2003, juin-juillet, Georges Lapassade, *L'analyse institutionnelle hier et aujourd'hui*, Note de lecture, in *Les IrrAIductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Ecritures diaristiques, Recherche, formation et pédagogie du journal*, n°3, pp. 401-402.

2006, *Figures politiques de l'identité juive à Sarcelles*, d'Annie Benveniste, L'harmattan, 2002, Revue d'analyse institutionnelle N°1, été, pp. 131-133.

Introduções e apresentações

1968, Avec Lourau dans *Autogestion* n°7 (décembre), p. 3 à 5.

2002, juin-juillet, Georges Lapassade, Benyounès Bellaghech, Jenny Gabriel, Remi Hess, et Patrice Ville, *Analyse institutionnelle et politique, éditorial* in *Les Irréductibles*, revue interculturelle et planétaire d'analyse institutionnelle, *Analyse institutionnelle et Politique*, n°1, pp. 7-10.

Prefácios

Ahmed Lamihi,

2003, in JEMMAH, M'Hamed, *Mejdoub. Paroles spontanées et quotidiennes. Une conscience humaine, universelle*, Saint-Denis, AISF, 2003.

Entrevistas

2003, *Entretien avec Georges Lapassade* in ASSOUS, Rezki, *L'analyse institutionnelle hier et aujourd'hui*, Entretiens avec Gérard Althabe, Régine Angel, Jacques Ardoino, Benyounès, Patrick Boumard, Alain Coulon, Christine Delory-Momberger, Jenny Gabriel, Remi Hess, Georges Lapassade, Michel Lobrot, Dominique Samson, Patrice Ville, Saint-Denis, Editions AISF, 2003, pp 109-118.

2005, *Entretien avec Georges Lapassade*, in Sous la direction de Lúcia Ozório, *L'analyse institutionnelle au Brésil*, préface de Remi Hess, Saint-Denis, Editions AISF, 2005, pp 27-33, propos recueillis par Lúcia Ozório.

2008, Entretien avec Lucette Colin, «De L'entrée dans la vie à une éducation tout au long de la vie», in L. Colin et J.-L. Le Grand, *L'éducation tout au long de la vie*, Paris, Anthropos, coll. «éducation», pp. 139-148.

* Tradução: Vanessa Menezes de Andrade e Heliana de Barros Conde Rodrigues